

• Nacional

"CONVERSA AO PÉ DO RÁDIO"

Política habitacional e reforma agrária, os temas do presidente

"Ninguém precisa mais se armar, protestar, reclamar e ameaçar", porque a reforma agrária não atingirá propriedades com menos de 250 hectares nas regiões Sul e Sudeste do País, ponderou o presidente José Sarney, durante o programa "Conversa ao Pé do Rádio", na sexta-feira. Com isso, o presidente reafirmou a disposição do governo de desapropriar apenas os latifúndios improdutivos que, segundo seus cálculos, representam 1% dos proprietários de terra do País. "Estes é que têm que ser vistos, porque a propriedade tem que ter uma finalidade social. Portanto, nós podemos dizer que estamos avançando, porque só o latifúndio pode oferecer mais de 200 milhões de hectares para a reforma agrária, seis vezes e meia a mais do que os 30 milhões de hectares de que nós precisamos para o assentamento das famílias do Plano Nacional da Reforma Agrária.

Com esta decisão nós estamos tranquilizando os pequenos proprietários, tirando o caráter emocional da reforma agrária. Nós estamos ao mesmo tempo simplificando o processo e vamos avançar.

Ainda hoje, em despacho com o ministro da Reforma Agrária, Jader Barbalho, eu assinei a desapropriação de 160 mil hectares da área do Bico do Papagaio e de outras áreas, justamente as áreas para resolver o conflito. Com a nova lei, nós vamos apressar a reforma agrária. Ninguém precisa portanto mais se armar, protestar, reclamar e ameaçar, porque a reforma agrária não atingirá propriedades de mais de 250 hectares no Sul e no Sudeste. Isto é, quem tem uma propriedade de 250 hectares já sabe que a reforma agrária não vai desapropriá-lo. Na região Nordeste, quem tem uma propriedade de 500 hectares também pode ficar tranquilo, porque não será objeto de desapropriação. E na Amazônia, onde há agropecuária extensiva, só podem ser atingidas propriedades para desapropriação com mais de 2 mil e 500 hectares. Assim, nós vamos realmente pegar os grandes. Aqueles que têm terras improdutivas e colocá-los a serviço da reforma agrária. Eu disse ao nosso novo ministro: "Vamos tirar da reforma agrária o ranço do ódio e da intriga e vamos fazê-la prática e vamos fazê-la dinâmica". Agora a reforma agrária pode ser vista sem medo pelos proprietários que estão trabalhando e pelos pequenos proprietários. Já podemos acelerar esse importante passo no caminho da justiça social e da racionalidade econômica.

Quero também falar hoje de outro assunto. Ontem foi o Dia da Cultura, um dia que se celebra justamente no aniversário de Rui Barbosa, grande orgulho da inteligência brasileira. Fizemos uma solenidade aqui no Palácio do Planalto para assinar, justamente no Dia da Cultura, a constituição de 3 fundações destinadas a incentivar os setores da arte, os setores do cinema e do teatro e o setor do livro, da música, enfim, o setor cultural. E sempre bom ver escritores e artistas caminhando aqui pelos salões do Palácio do Planalto para ver o presidente da República, que é um homem que tem orgulho de ser um intelectual, defender a identidade cultural do País e procurar colocar a cultura dentro dos problemas que preocupam o governo. Portanto, nós podemos dizer que foi com emoção que nós assinamos esses atos no Dia Nacional da Cultura. Agora, a cultura no Brasil está grandemente aparelhada para cumprir com os seus objetivos. Nós temos a chamada Lei Sarney que é de incentivos culturais, que todo mundo pode descontar no Imposto de Renda uma parte para aplicar na cultura. Nós temos agora um ministério estruturado e comandado pelo ministro Celso Furtado, que tem feito um bom trabalho. E com as fundações organizadas nós podemos agora investir na cultura. Eu espero que com essa instrumentação nós tenhamos no Brasil um renascimento cultural. A cultura que estava abandonada passa a ser um dos pontos prioritários do governo.

E, para terminar, como faço todas as vezes, eu quero dar a minha palavra de confiança e otimismo às brasileiras e brasileiros, que podem estar confiantes de que os problemas e crises que enfrentamos serão superados e que o governo está fazendo tudo o que é possível para minar essa situação, sem desânimo e sem temor.

Vejo que, no meio de todas as dificuldades, a cada semana aqui nesta conversa com todos vocês, brasileiras e brasileiros, eu tenho oportunidade de falar rapidamente sobre o nosso trabalho, trabalho que tem sido incansável, que tem sido pesado, mas um grande e nobilitante trabalho. Porque nós estamos todos de mãos dadas, atravessando um período difícil, mas, sem dúvida, vamos assistir o grande futuro do nosso País, esse grande Brasil.

Hoje, como eu disse, estou indo a Belo Horizonte lançar o programa do mutirão das 500 mil casas em 180 dias. Como vocês, nós estamos tentando resolver os problemas. O Brasil é maior do que todos os nossos problemas.

Brasileiras e brasileiros, muito obrigado pela atenção de estarem ouvindo esta nossa palestra e aqui terminamos a nossa Conversa ao Pé do Rádio desta sexta-feira, 6 de novembro.

Bom dia, muito obrigado e até a próxima semana.

Eu agora vou tratar de um outro assunto. Quero me referir mais uma vez ao problema da reforma agrária. Eu tenho recebido manifestações de agricultores e proprietários pequenos do Brasil inteiro, que estão satisfeitos com a decisão do governo de retirar a pequena propriedade da questão da reforma agrária. Nós, com esta providência, realizamos aquilo que prometemos quando lançamos a reforma agrária: "Paz na terra".

Eu sempre disse, desde o princípio, que a reforma agrária não ia atingir as proprieda-

des produtivas e que os proprietários que estavam trabalhando, os proprietários que estavam utilizando a terra, os proprietários que estavam em regime de produção não tinham porque se preocupar. No entanto, a legislação antiga e amarrada criou problemas de toda ordem, problemas estes que levaram o Programa da Reforma Agrária a um atraso. Agora nós vamos tratar dos grandes latifundiários, que representam apenas um por cento dos proprietários de terra no Brasil. Estes é que têm que ser vistos, porque a propriedade tem que ter uma finalidade social. Portanto, nós podemos dizer que estamos avançando, porque só o latifúndio pode oferecer mais de 200 milhões de hectares para a reforma agrária, seis vezes e meia a mais do que os 30 milhões de hectares de que nós precisamos para o assentamento das famílias do Plano Nacional da Reforma Agrária.

Com esta decisão nós estamos tranquilizando os pequenos proprietários, tirando o caráter emocional da reforma agrária. Nós estamos ao mesmo tempo simplificando o processo e vamos avançar.

Ainda hoje, em despacho com o ministro da Reforma Agrária, Jader Barbalho, eu assinei a desapropriação de 160 mil hectares da área do Bico do Papagaio e de outras áreas, justamente as áreas para resolver o conflito. Com a nova lei, nós vamos apressar a reforma agrária. Ninguém precisa portanto mais se armar, protestar, reclamar e ameaçar, porque a reforma agrária não atingirá propriedades de mais de 250 hectares no Sul e no Sudeste. Isto é, quem tem uma propriedade de 250 hectares já sabe que a reforma agrária não vai desapropriá-lo. Na região Nordeste, quem tem uma propriedade de 500 hectares também pode ficar tranquilo, porque não será objeto de desapropriação. E na Amazônia, onde há agropecuária extensiva, só podem ser atingidas propriedades para desapropriação com mais de 2 mil e 500 hectares. Assim, nós vamos realmente pegar os grandes. Aqueles que têm terras improdutivas e colocá-los a serviço da reforma agrária. Eu disse ao nosso novo ministro: "Vamos tirar da reforma agrária o ranço do ódio e da intriga e vamos fazê-la prática e vamos fazê-la dinâmica". Agora a reforma agrária pode ser vista sem medo pelos proprietários que estão trabalhando e pelos pequenos proprietários. Já podemos acelerar esse importante passo no caminho da justiça social e da racionalidade econômica.

Quero também falar hoje de outro assunto. Ontem foi o Dia da Cultura, um dia que se celebra justamente no aniversário de Rui Barbosa, grande orgulho da inteligência brasileira. Fizemos uma solenidade aqui no Palácio do Planalto para assinar, justamente no Dia da Cultura, a constituição de 3 fundações destinadas a incentivar os setores da arte, os setores do cinema e do teatro e o setor do livro, da música, enfim, o setor cultural. E sempre bom ver escritores e artistas caminhando aqui pelos salões do Palácio do Planalto para ver o presidente da República, que é um homem que tem orgulho de ser um intelectual, defender a identidade cultural do País e procurar colocar a cultura dentro dos problemas que preocupam o governo. Portanto, nós podemos dizer que foi com emoção que nós assinamos esses atos no Dia Nacional da Cultura. Agora, a cultura no Brasil está grandemente aparelhada para cumprir com os seus objetivos. Nós temos a chamada Lei Sarney que é de incentivos culturais, que todo mundo pode descontar no Imposto de Renda uma parte para aplicar na cultura. Nós temos agora um ministério estruturado e comandado pelo ministro Celso Furtado, que tem feito um bom trabalho. E com as fundações organizadas nós podemos agora investir na cultura. Eu espero que com essa instrumentação nós tenhamos no Brasil um renascimento cultural. A cultura que estava abandonada passa a ser um dos pontos prioritários do governo.

E, para terminar, como faço todas as vezes, eu quero dar a minha palavra de confiança e otimismo às brasileiras e brasileiros, que podem estar confiantes de que os problemas e crises que enfrentamos serão superados e que o governo está fazendo tudo o que é possível para minar essa situação, sem desânimo e sem temor.

Vejo que, no meio de todas as dificuldades, a cada semana aqui nesta conversa com todos vocês, brasileiras e brasileiros, eu tenho oportunidade de falar rapidamente sobre o nosso trabalho, trabalho que tem sido incansável, que tem sido pesado, mas um grande e nobilitante trabalho. Porque nós estamos todos de mãos dadas, atravessando um período difícil, mas, sem dúvida, vamos assistir o grande futuro do nosso País, esse grande Brasil.

Hoje, como eu disse, estou indo a Belo Horizonte lançar o programa do mutirão das 500 mil casas em 180 dias. Como vocês, nós estamos tentando resolver os problemas. O Brasil é maior do que todos os nossos problemas.

Brasileiras e brasileiros, muito obrigado pela atenção de estarem ouvindo esta nossa palestra e aqui terminamos a nossa Conversa ao Pé do Rádio desta sexta-feira, 6 de novembro.

Bom dia, muito obrigado e até a próxima semana.

POLÍTICA ECONÔMICA

Sarney recebe apoio durante sua visita a Belo Horizonte

por Yves Léon Winandy de Belo Horizonte

A necessidade de se formar uma "corrente de esperança" em torno da Presidência da República (e de seu atual titular, José Sarney), foi o tema predominante em dois dos principais discursos proferidos na sexta-feira, em Belo Horizonte, durante visita do presidente Sarney à cidade.

"Nenhum cidadão brasileiro precisa abrir mão de seus princípios e de suas idéias para que se forme uma corrente de esperança e de trabalho em torno da Presidência", afirmou, por exemplo, o governador de Minas Gerais, Newton Cardoso. "E hora de dar um basta aos conchavos, trazendo apoio a um homem que está realmente revolucionando esse País. E preciso que de Minas venha o grande apoio (ao presidente Sarney)", disse, por sua vez, o ministro Aníbal Teixeira, do Planejamento.

O presidente da República chegou a Belo Horizonte às 9 horas da manhã, para visitar dois conjuntos habitacionais e presidir a assinatura de convênios com 110 prefeituras municipais mineiras, visando à inclusão dessas comunidades no programa nacional de mutirão habitacional. Esta foi a décima vez que José Sarney visitou Belo Horizonte, desde a sua posse, há cerca de dois anos e meio.

Os principais discursos proferidos na sexta-feira foram os feitos durante a assinatura dos convênios, nas dependências do Minas Tênis Clube, no centro da capital mineira. "É essencial que o povo brasileiro compreenda que o mais importante, neste momento,

não é discutir teorias de governo e, sim, criar o mínimo de estabilidade política para que o governo possa cumprir o seu papel, num campo minado pela crise econômica e social", afirmou, em seu discurso, o governador Newton Cardoso.

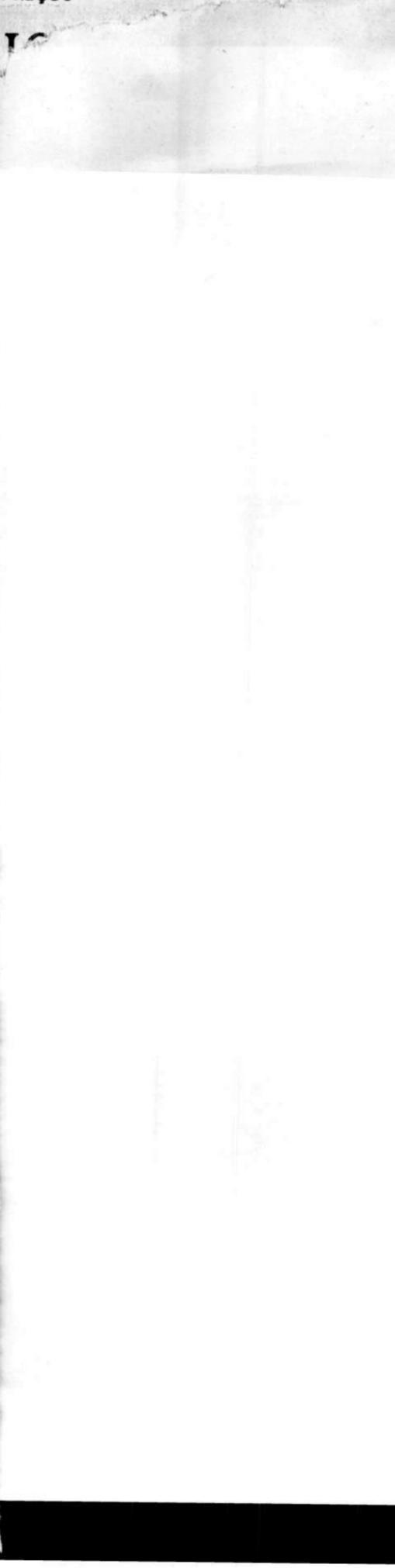
"Senhor governador de Minas, em suas palavras, o senhor restaura a tradição mineira (...) ter esse senso de equilíbrio. A palavra de Minas sempre foi pesada, medida, no Brasil, e não caiu no vazio. Seu discurso fixa uma posição de coragem, de não ficar calado quando dos momentos difíceis da nacionalidade. E preciso que Minas fale", avaliou, logo a seguir, o presidente da República.

De acordo com Newton Cardoso, "é preciso que a nação entenda que não estamos buscando instituições políticas perfeitas, mas respostas viáveis para os problemas concretos do País (...) E justo que uma sociedade se inspire na utopia, mas é extremamente perigoso que ela a confunda com a realidade".

"Não é o presidente que precisa de tranquilidade para governar. E o País que já não suporta mais a ação perniciosos daqueles que buscam promover o caos para dele tirar proveito pessoal ou político", disse o governador mineiro, no mesmo pronunciamento.

Referindo-se implicitamente à Assembléia Nacional Constituinte, Cardoso comentou: "Aqueles que julgam poder transformar um país apenas votando uma lei nova são vítimas de uma armadilha fatal, substituem a realidade pelo artifício. Leis — e mesmo uma nova Constituição

PREÇOS



Pedidos de casa própria

por Yves Léon Winandy de Belo Horizonte

Faixas de apoio e aplauso disputavam espaço, na manhã de sexta-feira, no vale do Jatobá, periferia de Belo Horizonte, com cartazes mais toscos, escritos a mão, pedindo ajuda ou, predominantemente, uma casa própria. As cerca de 4 mil pessoas que se aglomeravam na região, para ver o presidente da República, José Sarney — em sua maioria, mulheres e crianças — aparentavam ter vindo oferecer, ao primeiro mandatário da Nação, mais um exemplo de sua esperança.

"Só a piedade de Deus dá forças para acreditarmos que os homens darão a seus irmãos condição de moradia", afirmava, por exemplo, um desses cartazes, levantado por um dos populares que procurava postar-se o mais próximo possível do presidente. "Socorro, presidente Sarney, não posso com o aluguel e nunca poderei", dizia outro, mais distante.

"Chega de violência", pedia

um terceiro, próximo a uma senhora de cabelos brancos que, por sua vez, insistiu no tema da moradia: "Deu deixou a terra para nós, mas não temos sequer um pedaço de chão para morarmos (sic)", afirmava.

Trinta quilômetros mais distantes, outras duas mil pessoas recepcionaram o presidente da República no bairro de Nova Contagem, onde está instalado outro conjunto habitacional, com várias centenas de casas já construídas. "Quem invadiu as casas não tem direito a leite nem à escola para as crianças", informava uma moradora. "São muitos invasores; cerca de 5 famílias", disse, informando posteriormente confirmação por outra participante da comitiva.

De acordo com ela, somente quem teria se inscrito no período de 1982 a 1984 conseguiu um título de propriedade. "De 1985 para ninguém recebeu. A maioria de casas invadidas", contou.

— são uma espécie de pacto entre os diversos segmentos da sociedade. (...) Mas as leis não criam a realidade nem a transformam, se o povo não aceitá-las", afirmou.

Anteriormente, em sua visita a dois conjuntos habitacionais — um em Belo Horizonte (vale do Jatobá) e outro em Contagem (Nova Contagem) —, o presidente José Sarney limitou-se a falar do programa habitacional de seu governo, anunciando a meta de construir 500 mil moradias po-

pulares, em todo o País, prazo de 150 dias. "É programa de mãos dadas que junta o governo federal (que dá o material), o governo municipal (que dá o terreno) e o governo estadual (que dá os serviços) explicou.

"Temos hoje, 340 famílias inscritas e trabalhando; em todo o Brasil no sistema mutirão (construindo casas). Em Belo Horizonte, serão 24 mil casas em 150 dias. Já há cerca de 4 mil construídas", informou.